

EUCLIDES DA CUNHA

DR. ESTEVAO ZEVE COIMBRA — (Do Centro Cultural "Euclides da Cunha" e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa —)

Continua a marchar Euclides da Cunha na vanguarda da geração a que não pertenceu.

Não compreendem isto aqueles que lhe desconhecem a produção literária.

Não atinam com o porque dêste fenômeno, os de pouca cultura, de cultura epidérmica que, por isto, se detêm ante a terminologia científica euclidiana, que são incapazes de atender, assimilar tudo quando traçou o brilhante e extraordinário gênio em "Os Sertões", A Margem da História, em Confrontos e Contrastes e demais obras.

A geração nova, entretanto, procura entender a Euclides, esforça-se por compreendê-lo, imitar-lhe o estilo, vota-lhe grande culto porquanto foi êle todo inteligência, foi todo brio e patriotismo, foi todo elevação moral, tornando-se em toda a extensão da frase um dos valores espirituais do Brasil. Vai a mocidade hodierna, copiando-lhe as sugestões e diretrizes, imbuídas das idéias hauridas em "Os Sertões", banindo o artificialismo político, econômico e literário sobre que sempre se fundamentaram nossas instituições.

Foi de brio, de elevação moral a vida de Euclides; uma lição viva, um exemplo edificante, também o foi; em todas as suas fases, teve sempre uma grande coerência a sua vida. Republicano, antes do advento da República, não deixou de ser libertador; sempre demonstrou ser nacionalista, servindo a ditadura de Marechal Floriano, mas não lhe aderindo.

Quando cadete, negara-se a formar para a revista dum ministro do Império; ao revoltar-se a armada, contrapôs restrições ao fusilamento de indefesos prisioneiros; reformado que foi como tenente do exército, ei-lo na Troia Sertaneja, ei-lo em Canudos para dar um testemunho à história do que viu de bárbaro, selvagem e criminoso, ao serem trucidados, exterminados em defesa das instituições republicanas, os jagunços, os caboclos fanatizados de Antônio Conselheiro.

Descreveu Euclides in loco e de-visu a injusta e horrível hecatombe de sertanejos, qualificados por êle mesmo de rocha viva da nacionalidade. Esta gente agrilhada pela fome, a definir fisicamente, escravizada e submetida cegamente; a miséria dum povo ignaro e valente; a realidade dolorosa em que vegetava a massa sertaneja, tudo isto o embateu, o chocou, deu-lhe inspiração, fez com que êle se embrenhasse no sertão e no sub-solo social brasileiro e, de lá, tirasse o assunto para sua máxima obra e elaborasse "Os Sertões". Como foi elaborada esta magna obra? Com indignação, com vibração patriótica, com vigor jámais visto, como que com azorrague a tinir é que êle a escreveu; fê-lo para castigar a inverdade, para desafiar o vício, para quebrantar os preconceitos e alertar as consciências.

Houve quem, influenciado pelos padrões gauleses, lhe increpasse o estilo, as obras literárias, asseverando havê-las escrito com gravetos e cipó, fizeram-no literatos dum época em que era praxe o escrever-se com água de flor, com estilo escorregadio que nem lesma.

Tem fundamento esta aleivosa increpação? Procede semelhante assertivo? A refutação impõe-se e basta que insiram aqui um trecho só, ma-

gistralmente traçado pelo autor, referente ao jagunço pelas forças legalistas aprisionado: "Forte, de estatura meã e entroncada, especimen sem falha desses hércules das feiras sertanejas, de ossatura de ferro articulado em juntas nodosas, era, tudo o revelava, um lutador de primeira linha, talvez um dos guerrilheiros que se dependuravam ágeis nos dentilhões abalados da igreja nova. Pritivamente branco, requeimara-se-lhe inteiramente o rosto. Pendia-lhe à cintura, oscilante, batendo abaixo do joelho, a batinha vazia. Fora preso em plena refrega. Consequira derribar, num arremesso valente, três ou quatro praças, e lograria fugir se não caísse, tonto, ferido por uma bala na órbita esquerda."

Aí está, senhores literatos, apenas uma amostra do feito e estilo euclidianos.

Intelectual progressista, estilista vigoroso, defensor impertérito dos sertanejos patrióticos, Euclides o foi; situado em sua época, por estas e outras razões êle a transcende.

Quem mais se bateu, no campo político-administrativo, em prol da moralidade dos nossos costumes? Fê-lo Euclides, se bem que chocando-se com os homens de seu tempo. Quão valiosa é a contribui-

ção científica de suas obras para a solução dos nossos problemas sociais! Foi o primeiro grande ensaísta da sociologia regional brasileira. E não é êle daqueles que baralham as causas dos fenômenos sociais brasileiros, mas concorreu grandemente para nossa inteligência como um criador inequalável, sem fazer o sociologismo de Gilberto Freyre, sem a maneiira doutrinária de Alberto Torres.

E no que concerne à história? Bem compreendeu Euclides os novos métodos de sua interpretação, chegou em virtude disso a emparelhar-se com Capistrano de Abreu, quer na ordem cronológica, quer na ordem da inteligência.

Pouco confiou no material gasto, impróprio, exaurido de seu tempo; por isso voltou-se para a geração nova e nela depositou toda confiança. Por êste motivo a geração nova não tem para com Euclides da Cunha uma dívida de gratidão vulgar como certas gerações menos cultas ficam a dever aos que lhe abriram caminho.

Suas sugestões, suas diretrizes, seus exemplos, seus apelos são dum genuíno condutor, dum Tapejara que falasse a uma geração sem peias: "O futuro dirá quem melhor cumpriu o seu dever".